

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS

MICHAEL LUIZ TAVARES DE MEDEIROS

MORTE E VIDA SEVERINA: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA VIDA
DE SEVERINO

PATU
2018

MICHAEL LUIZ TAVARES DE MEDEIROS

***MORTE E VIDA SEVERINA: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA VIDA
DE SEVERINO***

Trabalho apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN- ao Departamento de Letras Vernáculas, curso de Letras, com obtenção de título de licenciatura em Letras.

ORIENTADOR (A): Profa. Ma. Beatriz Pazini
Ferreira

PATU
2018

MICHAEL LUIZ TAVARES DE MEDEIROS

***MORTE E VIDA SEVERINA: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA VIDA
DE SEVERINO***

Trabalho apresentado a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Vernáculas

Data da aprovação: Patu- RN _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Beatriz Pazini Ferreira

(Orientadora- UERN)

Prof. Me. Gleison Carlos Souza Morais

(Membro 1-UERN)

Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres

(Membro 2-UERN)

Aos meus filhos: Murilo Dutra de Medeiros e
Maria Vitória de Medeiros *In memoriam*

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus, que sem dúvidas ele tem sido e é a coisa mais importância na nossa existência humana, pois nos fortalece nos momentos de dores, dando fôlego para novos voos. Aos meus pais, Reginaldo Calixta e Rosélia Maria, que me proporcionaram ao longo da minha vida um suporte material e sentimental. Ao meu irmão Francisco Calixta, ele que sempre me apoiou em tudo, e nunca mediu esforços para me ajudar. Vocês três são responsáveis em parte por essa conquista em minha vida.

Aos meus filhos, Maria Vitória (*In memoriam*), e Murilo Dutra. Sei Vitória que onde você estiver, a minha conquista também te alegrará. Lembro muito bem do dia em que recebi a notícia de que havia passado no vestibular, estávamos juntos em uma de suas seções de quimioterapia e você com seu jeito simples me deu os parabéns pela aprovação. Hoje, mais de quatro anos depois, estou finalizando meu curso e você não está aqui para podermos juntos compartilharmos essa alegria. Vitória essa conquista também é sua.

Queria agradecer também a meu querido Murilo, ele que chegou quando tudo estava tão difícil pela partida inesperada da irmã. Obrigado meu filho pela paciência e pela compreensão nas ausências ao longo da graduação. O meu curso de graduação foi marcado pela partida e chegada. A partida da minha pequena Vitória e a chegada de meu Murilo. Não temos como separar a vida pessoal da academia, pois a universidade torna-se a nossa própria vida e nela compartilhamos alegrias, tristeza, encontros e desencontros.

Agora eu quero dedicar esse agradecimento especial aos meus amigos que a universidade me proporcionou: Wellerson Batista, Jessé Carvalho, Francineide, Lara Rocha, Sueley. Um obrigado especial, pela paciência, respeito muito e pela parceira que levarei para a vida. Aos demais colegas de sala, fica aqui um forte abraço a todos, vocês também foram muito importantes para essa conquista.

Quero também agradecer a minha companheira de todas as horas Carla Dutra. Ela que sempre esteve comigo nos momentos bons, mas também nos mais difíceis da minha vida, muito obrigado! Eu não estaria aqui sem seu apoio incondicional desde a inscrição do vestibular, até os últimos momentos do curso. Obrigado pela compreensão, pelo apoio, pelas puxadas de orelha, sua contribuição foi fundamental para a minha conclusão desde curso.

Sem esquecer um agradecimento especial a minha orientadora Beatriz. Ela foi fundamental na produção deste trabalho, sem suas contribuições jamais teria conseguido. MUITÍSSIMO obrigado! E em nome de Beatriz, eu agradeço a todos os professores da

graduação, que foram importantíssimos na minha formação. Como também, agradeço a banca, professores Gleison Carlos e Leandro que aceitaram o meu convite, junto a minha orientadora, para assim contribuírem com o meu trabalho. Muito obrigado a todos que de uma forma ou de outra, cooperaram para que eu estivesse aqui hoje, muito obrigado!

RESUMO

A morte é um tema complexo de se discutir, especialmente quando se leva em consideração as suas múltiplas facetas dentro do contexto de análise. A pesquisa em questão, intitulada: *Morte e vida Severina: Análise da representação da morte na vida de Severino*, surgiu da inquietação acerca dos aspectos da morte ao longo da trajetória de Severino no *Auto de Natal pernambucano*. O objetivo deste trabalho é analisar o percurso da personagem Severino a partir dos aspectos da dualidade: vida e morte, nas condições de produção da obra em questão, como também debater o contexto histórico; investigar a identidade e verificar os elementos de simbologia em que se discutem a morte em vida Severina. Dentro do estudo, percebe-se que vários são os elementos que contribuem para esse sentimento de morte em vida, a partir de “questões” pessoais e sociais. Visto que é analisável a constante submissão advinda do contexto histórico social e esse fator é peça chave para reafirmação que faz da morte, até perceber que ela é algo inerente a existência humana e que não adianta fugir, pois está em todos os lugares. Severino também percebe que não pode internalizar esse sentimento entristecedor, pois sempre ocorre o renascer ao final da obra, para desejar-se a vida. Essa pesquisa tem caráter qualitativo e foi realizada a partir de leituras bibliográficas sobre a temática analisada tendo os seguintes respaldos teóricos: Afrânio Coutinho (2004), Bosi (1994), Bauman (2001), Chevalier; Gheerbrant (2009), Mircea Eliade (1992) e Stuart Hall (2005).

Palavras-chave: Morte e vida severina. João Cabral de [Melo Neto. Representação da morte.

ABSTRACT

Death is a complex subject to discuss, especially when it takes into account their multiple facets within the context of analysis. The research in question entitled: *Morte e vida severina: Analysis of the trajectory of death in the life of Severino*, emerged from the restlessness about the aspects of death along Severino's trajectory in the auto of Christmas in Pernambuco. It aims to analyze the character Severino from the aspects of duality: life and death, in the production conditions of the work in question, as well as debating the historical context; investigate the identity and check the symbols of elements in which they discuss the death in Severina life. Within the study, it can be seen that there are several elements that contribute to this feeling of death in life from personal and social "questions". Since it is analysable the constant submission from the social historical context and this factor is a key part to reaffirmation that makes death, until realizing that it is something inherent to human existence and that it is no use to run away, because it is everywhere. Severino also realize who can not internalize this overwhelming feeling, because it always happens to be reborn at the end of the work, to desire life. This research is qualitative and was conducted from bibliographical readings on the subject analyzed using the following theoretical: Afrânio Coutinho (2004), Bosi (1994), Bauman (2001), Chevalier; Gheerbrant (2009), Mircea Eliade (1992) and Stuart Hall (2005).

Keywords: Morte e vida severina. João Cabral de Melo Neto. Depiction of death.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 MORTE E VIDA SEVERINA: UMA REFLEXÃO DA MORTE EM ALGUMAS DIMENSÕES	12
1.1 JOÃO CABRAL DE MELO NETO E MORTE E VIDA SEVERINA	12
1.2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL.....	15
1.3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SEVERINO	19
2 ASPECTO DUAL E SIMBÓLICO EM MORTE E VIDA SEVERINA	25
2.1 A MORTE SOBRE OUTRAS ÓPTICAS	25
2.2 DUALIDADE	29
2.3 SIMBOLOGIA PRESENTE EM <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i>	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A morte é um grande mistério que rodeia a existência humana. É algo que inquieta e motiva profundas dores emocionais e existenciais. Pensar nessa temática sempre é algo impactante, pois ela está rodeada de mistérios que estão além da nossa capacidade humana de compreensão. Muitos autores trataram sobre a morte em suas obras; dentre eles destacam-se: Álvares de Azevedo (1852), Fernando Pessoa (1942), em *A morte chega cedo*; Manoel Bandeira (1952), com *Consoada* em que denomina a morte de “indesejada das gentes”; Ariano Suassuna (1977), que chama a morte de “a moça Caetana” e Augusto dos Anjos (1998), que trata da finitude da vida em seu poema *Psicologia de um vencido*, abordando questões inerentes a preparação dos rituais fúnebre e decomposição do corpo.

Diante do exposto, percebe-se que diversos pesquisadores e estudiosos que se destinaram a falar sobre a morte, relatam todo o sofrimento que a entrelaça. É algo que não temos controle; nem tão pouco se pode prever. Por isto, reafirma-se o que disse Ariano Suassuna (1975, p. 36), em *O auto da Compadecida*, acerca dos mistérios sobre a morte: “Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre.” Suassuna narra a morte de uma forma poética como sendo o único mal irreparável, ou seja, a única coisa que não há solução e ainda complementa utilizando a última etapa do nosso ciclo vital, pois segundo ele, tudo que é vivo, morre.

A escolha da temática morte, dentro do *Auto de Natal pernambucano*, partiu da inquietação acerca dos espaços característicos da finitude da vida, que está em todo poema-narrativo. Desde o início, a personagem Severino sai de sua terra em busca da fuga do sofrimento, ocasionado pela seca e na continuidade, pelas diversas paradas feitas ao longo do caminho percorrido pelo personagem. A todo o momento a morte se faz presente, dentre os cenários, como: vegetação árida, o solo e cortejo fúnebre; até os temas das conversas com referência à morte. Portanto, analisa-se como ela é tecida pelo espaço/ambiente na travessia de Severino no transcorrer da obra *Morte e vida Severina*.

Morte e vida Severina é um poema constituído por uma produção dramática que foi adaptado para o cinema. A obra está dividida em dezoito partes, a partir da saída de Severino da sua terra natal, intitulada: “O retirante explicar ao leitor que é e a que sai” e no decorrer, é constituído por partes que explicam o caminho percorrido por Severino, finalizando com: “O carpina fala com o retirante que esteve de fora, sem tomar parte de nada”. A obra inicia-se

quando a personagem segue a sua jornada de migração para o Recife, onde toma como base o rio Capibaribe. A representação da morte ocorre a partir das conversas sobre as dificuldades de viver e a vulnerabilidade dos migrantes que vão para Recife em busca de prologar a vida; dos espaços, como o velório e o cemitério, e termina com o nascimento de um menino. Neste espaço, as pessoas celebram a vida, deixando um presente, mesmo com a dificuldade de toda a comunidade, cada um oferecia o que possuía. Esse fato dá ao sertanejo um impulso à vida. Há contraste entre morte e vida, o desejo de findar a vida e o inesperado nascimento revigora a existência humana.

Esta pesquisa objetivou analisar o percurso da personagem Severino a partir dos aspectos da dualidade vida e morte na obra *Morte e vida Severina*, como também, debater o contexto histórico e social vivenciado pela personagem principal ao longo do *Auto de Natal pernambucano* e investigar a construção da identidade de Severino ao longo da trajetória, além de verificar os elementos de simbologia em que se discutem os aspectos da morte.

No entanto, para que esta pesquisa fosse possível realizar-se, buscou-se subsídio em Afrânio Coutinho (2004), Barreto (2009) e Bosi (1994), principalmente nas discussões do primeiro capítulo que tratam do contexto histórico e social da obra. De acordo com as reflexões sobre a identidade de Severino, em *Morte e vida Severina*, procurou-se respaldo nas teorias de Bauman (2001) e Stuart Hall (2005). No segundo capítulo, realizou-se uma discussão sobre a análise da morte a partir de outras ópticas literárias, como as de: Ariano Suassuna (1977), Augusto dos Anjos (1998), Fernando Pessoa (1933), Machado de Assis (1980), Manoel Bandeira (1952). Sobre a dualidade da palavra morte, aproveitou-se Becker (2007) e Guida (2010) e por fim, nas discussões sobre a simbologia, utilizou-se o respaldo teórico de Chevalier; Gheerbrant (2009) e Mircea Eliade (1992). Ressalta-se a importância de discutir sobre a construção da relação morte e vida, a postura assumida pela personagem ao longo da trajetória e os símbolos existentes na obra, como: a vegetação, o cromatismo, as personagens (inclusive secundárias), o espaço para identificar quais são os fatores que influenciam ao longo do *Auto de Natal pernambucano*, na qual comprovem a existência da morte em vida. Dessa forma, realizou-se um estudo bibliográfico sobre a dualidade da morte em vida e as inquietações referentes ao percurso de construção e à desconstrução delineada no poema, acerca da trajetória da morte.

1 MORTE E VIDA SEVERINA: UMA REFLEXÃO DA MORTE EM ALGUMAS DIMENSÕES

1.1 JOÃO CABRAL DE MELO NETO E MORTE E VIDA SEVERINA

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, Pernambuco em 1920 e passou parte de sua infância nas cidades pernambucanas de São Lourenço da Mata e Moreno. O poeta não fez curso superior, mesmo sendo dotado de uma ampla capacidade nas produções textuais poéticas. Com respaldo para essa afirmativa, suas obras se destacam pelo rigor nas produções, pois além de serem marcadas pela sensibilidade, havia uma preocupação com a palavra e a forma de escrever. Em 1942, foi residir no Rio de Janeiro, onde seguiu carreira diplomática. João Cabral, um grande poeta e escritor, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1969. Suas obras tiveram início com a publicação do livro *Pedro do Sono* (1942). O autor se destacou por uma característica peculiar nas suas produções: o rigor estético.

Quanto as suas obras, João Cabral de Melo Neto, abordava de forma peculiar e fugia a padrões e apresentava a sua própria maneira de escrever poesias. Sobre isso o autor respondeu a uma entrevista concedida em 2003, citada por Lucas (2003, p.95):

Creio que uma das bases da minha poesia sempre foi [...] essa coisa visual. Sempre achei que a linguagem, quanto mais concreta, mais poética. Palavras como melancolia, amor, cada pessoa entende de uma maneira. Se você usar palavras como maçã, pedra ou cadeira, elas evocam imediatamente ao leitor uma reação sensorial.

Nesta perspectiva, nota-se que para João Cabral de Melo Neto a sua poesia teve que ser constituída de forma visual, para que seja considerada poética e que a palavra tem o sentimento que empregamos a ela, como também as sensações que estão inerentes ao sujeito no momento da leitura. Essa característica constituída se deve ao momento vivenciado pelo autor e às produções da época.

Em conformidade com Bosi (1994, p.431), acerca do estilo literário da época, compreende-se: “entre 1930 e 1945, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza.” Neste momento, se vê uma mudança acontecendo no cenário literário, pois nesse período a preocupação maior se concentrava nas palavras e nas formas, sem deixar de lado a sensibilidade da poesia. Para Bosi (1994, p. 433):

A literatura tem-se mostrado sensível às exigências formalizantes e técnicas que, por assim dizer, estão no ar. Um formalismo pálido, entendido como respeito ao metro exato e fuga à banalidade nos temas e nas palavras, já se delineava com os poetas da chamada "geração de 45", onde se têm incluído, entre outros, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva, José Paulo Moreira da Fonseca, Geir Campos, Mauro Motta, Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto. Coube ao último a tarefa e o mérito de ter superado os traços parnasiano-simbolistas que não raro anemizavam a força inventiva dos demais, e ter atingido, pelo rigor semântico e pela tensão.

Desse modo, a literatura tem se mostrado compatível com as normas e a rigidez na produção das poesias, mas sempre com a leveza poética do sentimento. Para isso, o uso das figuras de linguagens é recorrente ao longo dos textos literários, para que, por meio do jogo de palavras, o autor consiga amenizar as produções, tornando-as críticas e reflexivas. Fazendo um comparativo entre este trecho de Bosi (1994), com o *Auto de Natal pernambucano*, de João Cabral de Melo Neto, encontram-se questões da rigidez, citada acima, tanto na escolha das palavras, como da linguagem, pois mesmo sendo uma temática não muito comum de se discutir, Melo Neto suaviza aspereza por meio dos recursos linguísticos.

Voltando um olhar histórico, nessa proporção poética vigente, constata-se que a característica do autor é fruto do contexto histórico-social, dada às condições de produção, que, segundo Bosi (1994), a guerra fria e a condição atômica proporcionaram um ambiente de instabilidade nas relações sociais. Essa questão dividiu o mundo em sistemas, desde 1945. A situação se agravou a partir das ofensas direcionada a linha nacional-populista, vinda dos grupos conservadores. Nesse sentimento instável, o pensamento dialético procurou desconstruir os equívocos das fases anteriores e volta para análises das suas próprias fontes teóricas.

A obra que consagrou João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina* (1945), foi traduzido para diversas línguas (alemão, espanhol, inglês, italiano, francês e holandês) e sua obra é conhecida em diversos países. No poema escrito, em forma de *Auto de Natal pernambucano*, o poeta relata a vida e Severino e sua trajetória como retirante. Esta jornada dá início em Serra da Costela e termina em Recife, a capital de Pernambuco, tendo como norte o Rio Capibaribe. Em seu percurso, Severino percebe o sofrimento vivenciado por muitos, como a seca (fato comum no nordeste brasileiro), que os obrigavam a buscar novos caminhos para fugir da miséria. Bosi (1994, p. 471) descreve *Morte e Vida Severina* como:

O seu poema longo mais equilibrado entre rigor formal e temática participante, conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste à constante negação da existência.

Neste trecho, Bosi (1992) faz uma ampla leitura acerca do poema e sabiamente descreve as nuances da seca e seus espaços ao longo da trajetória de Severino. Em sua busca constante pela vida, em crise existencial, Severino vê a morte em vários ângulos como no trecho retirado da obra *Morte e Vida Severina*, quando Severino encontra dois homens carregando um defunto numa rede:

A quem estais carregando,
Irmão das almas,
Embrulhado nessa rede?
Dizei que eu saiba.
A um defunto de nada,
Irmão das almas,
Que há muitas horas viaja
À sua morada (MELO NETO, 2009, p.03).

No trecho acima, no cortejo fúnebre, dois rapazes levam de uma cidade para outra, o corpo de um defunto. Esse fato era rotineiro nos períodos de seca no sertão, onde nem todas as cidades podiam contar com cemitério público e seus mortos deveriam ser sepultados nas cidades vizinhas que contavam com esse serviço. Essa prática também ocorria quando a cidade não possuía outra fonte de renda. E por fim, para culminar essa trajetória de morte, o autor contempla a vida e felicidade de toda comunidade. Na breve sintetização do texto descrita acima, e comparando ao contexto da historicidade do autor, há fatores familiares na sua produção: a questão do local de origem, tanto do autor, quanto da obra. Esse fato faz com que o autor trate o tema com propriedade, sendo que é constituído de fatos que estão ao seu redor. Para confirmar essa afirmação descrita acima, Bosi (1992, p. 342) destaca:

Nessa luta, a obra é tanto mais rica e densa e duradoura quanto mais intensamente o criador participar da dialética que está vivendo a sua própria cultura, também ela dilacerada entre instâncias altas, internacionalizantes e instâncias populares. Obras primas como *Macunaíma* de Mário de Andrade, *Vidas secas* de Graciliano Ramos, *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa e *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto nunca poderiam ter-se produzido sem que seus autores tivessem atravessado longa e penosamente as barreiras ideológicas e psicológicas que os separavam do cotidiano ou do imaginário popular.

Algumas obras são frutos de uma árdua vivência acerca de algum fato, como em *Morte e vida Severina*, conforme Bosi (1992) afirma, e elas discutem sobre os rompimentos dessas barreiras existentes ao longo de uma vida sofrida e da força de vontade para que sejam superadas. Talvez essas barreiras seja uma espécie de suporte para transcendê-lo da resistência pela vida, em contraposição a morte.

O próximo tópico discute sobre o contexto histórico e social, para situar o leitor nos aspectos que foram utilizados na obra. Para o respaldo teórico, utilizam-se autores como: Afrânio Coutinho (2004), para falar da literatura brasileira, especificamente, e Barreto (2009) que discute sobre a seca, momento vivenciado no percurso narrativo da obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina*.

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

A obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*, mesmo escrita em versos, traz algumas características de uma peça teatral. A estrutura do texto é do tipo textual narrativo e é desenvolvida em torno de um enredo. Que segundo Gancho (2006, p. 7):

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a narrativa. Os fatos, os personagens, o tempo e o espaço existem por exemplo num texto teatral, para o qual não é fundamental a presença do narrador.

Morte e vida Severina é constituído por enredo, visto que o retirante chamado Severino sai de sua terra em busca de uma “vida” ou de um modo dela, diante de grandes sofrimentos e diante da disputa pela sobrevivência faz parte, ocorre, portanto, uma sucessão de acontecimentos que constituem a ação.

Levando em consideração o contexto histórico social da época, quanto ao movimento literária do período da produção, Coutinho (2004, p. 197) discute acerca da perspectiva do terceiro momento modernista:

A morte do Modernismo no ano de 1945 e a aparição de novo movimento, que provisoriamente denominava neomodernismo, e que opunha ao anterior

por alguns pontos: o primeiro – dizia – fora nacionalista e esteticista, o segundo era universalista e preocupado com questões sociais e políticas; aquele fora revolucionário, o segundo era reacionário em estética, isto é, voltava estilisticamente à disciplina, às metrificações populares, aos ritmos clássicos, às rimas.

Diante do posicionamento de Coutinho (2004), verifica-se a quebra de paradigma que esse terceiro momento se constitui há um momento voltado para a questão nacionalista, característica essa bem presente em *Morte e Vida Severina*. Outra preocupação era a discussão dos assuntos sociais e políticos da época, como o sofrimento que era a florado pela seca e, por fim, o estilo metrificado nas rimas voltado para a disciplina estética.

Para Coutinho (2004), os poetas da geração de 45 possuem uma característica divergente de épocas anteriores. Este fato se dá pela atitude ou pela expressão intelectualista que se faz presente por meio das palavras, dando ênfase a uma poesia universal, eterno e geral, em vez do local, ordinário e pessoal, que foi apresentada pela geração anterior. Várias mudanças se fizeram presentes nesse momento da literatura, marcas que são encontradas ao longo das obras dessa época. *Morte e Vida Severina* foi escrita nesse período de mudança e João Cabral de Melo Neto conseguiu retratar várias de suas marcas, como a linguagem enxuta, concisa e o uso de figuras de linguagem para ilustrar alguns fatos “duros” na narrativa, sendo considerado um dos marcos desse novo momento literário.

Situando historicamente, o enredo parte de um situar o leitor em que Severino pretende se encontrar, mesmo diante de tantas semelhanças, ele percebe que de tanto serem iguais, acabam fadados a mesma sina. Há na obra uma submissão aos grandes latifundiários e uma introspecção dos trabalhadores que para sobreviver eram humilhados e por migalhas se sujeitavam a sobreviver em tamanho sofrimento. Fato este bem presente na época do coronelismo em que os donos de terras eram superiores e mandavam nos seus empregados. Marcado em alguns trechos do *Auto de Natal pernambucano*, a obra se passa no coronelismo:

Mais isso ainda diz pouco
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmarias (MELO NETO, 2009, p.02).

Dessa forma, na relevância dos aspectos do coronelismo, encontram-se nomes próprios escolhidos na comunidade. O eu-lírico vai desenhando toda trajetória de dor e

lamento, por serem iguais na sina de sofrer, todos dividiam até a mesmo a semelhança na miséria:

Vivendo na mesma serra
 Magra e ossuda em que eu vivia.
 Somos muitos Severinos
 Iguais em tudo na vida:
 Na mesma cabeça grande
 Que custo é que se equilibra,
 No mesmo ventre crescido
 Sobre as mesmas pernas finas
 E iguais também porque o sangue,
 Que usamos tem pouca tinta (MELO NETO, 2009, p.2).

A miséria era consistente em quase toda a comunidade envolto, onde todos sofriam as mesmas dores; a da miséria. A seca do nordeste brasileiro assolou a comunidade menos abastada de tal forma, que muitas pessoas morreram de fome e de sede. Segundo Barreto (2009, p.18) “as décadas seguintes, a escassez das chuvas permaneceria constante na região Nordeste, e os desníveis sociais, alarmantes.” Sendo assim, a seca trazia pontos negativos para a população e mesmo com a miséria sendo enormes, alguns grupos faziam de tudo para levar vantagem a partir da miséria das minorias. Barreto (2009) apresenta o relato da já conhecida indústria da seca:

Em 1932, outra estiagem iria devastar o semiárido nordestino. Foi nessa época que se tornou conhecida a indústria da seca: as oligarquias econômicas e políticas da região que usavam recursos do governo em benefício próprio, com o pretexto de combater as mazelas do fenômeno climático.

Por meio desse relato, mesmo o nordeste brasileiro sofrendo de forma assustadora, ainda existiam grupos que buscavam por meio dos interesses próprios o seu bem-estar. Sabendo do longo período de seca nas terras nordestina e da grande miséria que assolava esse povo, ainda haviam pessoas pensando em seu próprio benefício.

Um fato que dá início a obra é a questão de Severino sair da sua terra em busca de uma nova vida:

Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias
 e melhor possam seguir
 a história de minha vida,
 passo a ser o Severino
 que em vossa presença emigra” (MELO NETO, 2009, p. 03).

A partir deste momento, Severino não passa a ser das terras que ele dar início ao texto, mas sim, ele passa a ser emigrante. Que segundo Barreto (2009, p.32):

A migração também foi um dos pontos agravados. Um enorme contingente de habitantes dessa área, castigados pela estiagem, partiu para a Amazônia e estados vizinhos. Foi daí que o conceito de retirante surgiu. Quem explica é a pesquisadora Isabel Guillen, que coleciona diversos artigos e estudos sobre o tema em instituições acadêmicas de Pernambuco. Quando se trata de migração nordestina, tudo se passa como se fosse uma decorrência econômica social natural, levando-se em conta a construção imaginária do tripé Nordeste-seca-migração. De certo modo, essa representação social contribui para criar a invisibilidade histórica em torno do migrante.

Nota-se a semelhança existente pelo sertanejo Severino, quando ele parte da sua terra em busca de uma melhora de vida, fato esse bem comum no momento de seca do nordeste. Eles partem como forma de fuga, pois alguns nordestinos não suportando o sofrimento partem de sua terra natal em busca de uma melhor condição de vida. Essa trajetória é vista como algo rotineiro que cria um tripé, citado por Barreto (2009): nordeste-seca-migração. Esse tripé é visto como um ciclo que consiste em resistir à consequência da seca no nordeste gerando um êxodo desta região. No caso de Severino, quanto mais ele fugia da morte, mas ela o perseguia em forma de fome e sede:

Desde que estou retirando
Só a morte vejo ativa,
Só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida Severina (MELO NETO, 2009, p.07-08).

Sendo assim, mesmo que a busca seja constante pela vida, a morte é quem insiste em aparecer, seja nas conversas ou nas ações. O desencontro com a vida vai se tornando constante nesta viagem. Para comprovar que a morte é motivada por qualquer motivo e insiste em estar ali sempre presente, foi na disputa ocorrida pelas terras que eles velam um corpo e Severino pergunta como foi a morte do defunto e o motivo:

E o que havia ele feito
Irmão das almas,
E o que havia ele feito
Contra a tal pássara?
Ter um hectare de terra,
Irmão das almas,

De pedra e areia lavada
 Que cultivava.
 Mas que roças que ele tinha,
 Irmão das almas
 Que podia ele plantar
 Na pedra avara?
 Nos magros lábios de areia,
 Irmão das almas,
 Os intervalos das pedras,
 Plantava palha” (MELO NETO, 2009, p.04).

Nesse trecho, a grande disputa por terras acabava destruindo os que não possuíam muitos bens, pois na época quem possuía terra tinha poder e um desabastado não podia ser detentor de nenhuma forma de poder, mesmo que de forma fragmentada. Ao longo do contexto histórico e social da trajetória da obra de *Morte e Vida Severina*, compreende-se que muitas vidas se inter cruzam na vida de Severino e todas com as mesmas lamurias a uma busca incessante pela qualidade de vida.

Com isso, nota-se que o autor possui um conhecimento profundo acerca do que ele retrata na obra, pela riqueza em detalhes discutida ao longo da viagem de Severino. Conforme afirma Bosi (1992, p. 343): “*Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto nunca poderiam ter-se produzido sem que seus autores tivessem atravessado longa e penosamente as barreiras ideológicas e psicológicas que os separavam do cotidiano ou do imaginário popular.” Assim, ao longo da trajetória de Severino, todos os passos foram imprescindíveis para se compreender tanto o momento histórico e social, quanto os espaços que descortinaram no trajeto de Severino.

Para compreender melhor os aspectos da morte da personagem em vida, que são abordados em *Morte e vida Severina*, torna-se necessário realizar uma construção da identidade da personagem que é abordada no próximo tópico. Como respaldo teórico, utilizam-se autores como: Bauman (2001) para tratar da modernidade líquida e da identidade do sujeito, bem como Stuart Hall (2005) que discute acerca da identidade e da cultura.

1.3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SEVERINO

Em *Morte e vida Severina* (1945), o poema escrito em forma de *Auto de Natal pernambucano*, o poeta relata a vida de Severino e sua trajetória como retirante. Esta jornada teve início em Serra da Costela e terminou em Recife capital de Pernambuco, tendo como norte o Rio Capibaribe. Em seu percurso, Severino percebe o sofrimento vivenciado por

muitos, como a seca (fato comum no nordeste brasileiro) que os obrigavam a buscar novos caminhos para fugir da miséria:

Devo rezar tal rosário
Até o mar onde termina,
Saltando de conta em conta,
Passando de vila em vila.
Vejo agora: não é fácil
Seguir essa ladainha;
Entre uma conta e outra conta,
Entre uma e outra ave Maria,
Há certas paragens brancas,
Vazias até de dono,
E onde o pé se descaminha (MELO NETO, 2009, p. 6).

Severino era um retirante que foge da seca e da fome. No entanto, a morte é constante na sua trajetória sendo o discurso realizado por meio de metáforas, no qual compara as cidades passadas com as contas do rosário e as ladainhas com o caminho percorrido, companheira fiel na sua caminhada. Severino era tão comum que até sua apresentação como sujeito dentro do *Auto de Natal pernambucano* ficou prejudicada, pois sua individualidade tornava-se comum diante da explicação de sua morte.

Na primeira parte, Severino tenta se apresentar ao leitor e a cada característica que ele vai atribuindo ao seu nome, percebe-se que já é bem usual naquela região. A princípio, ele se denomina Severino de Maria, mas logo, percebendo a abrangência do nome, por ambos os nomes serem comuns, ele continua afunilando a partir das características carregadas por ele, uma espécie de marca que está impregnada aos sujeitos daquele espaço; uma sina que carregam:

O meu nome é Severino,
Como não tenho outro de pia.
Como há muito Severinos,
Que é santo de romaria,
Deram então a me chamar
Severino de Maria,
Fiquei sendo o da Maria,
Do finado Zacarias (MELO NETO, 2009, p. 02).

Inúmeras são as caracterizações para tentar formar a identidade do sertanejo, mas mesmo assim não é de fácil caracterizá-lo, pois pelo fato de ser tão comum, se mistura aos demais. Outro fato da não facilidade de caracterizá-lo é o motivo de ter de se encontrar como sujeitos do espaço para centrar-se como indivíduo do espaço. Conforme Hall (2005, p 09):

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Diante do explanado por Hall (2005), Severino não sabe o seu lugar no espaço, por isso ele não consegue se distinguir diante dos demais e nem se identifica como sujeito integrante do seu espaço social e cultural. A sua incessante busca pela vida, pode se caracterizar por uma crise de identidade, por não saber qual o seu lugar no mundo.

Na passagem ao longo da trajetória de Severino, em poucos momentos se apresentou uma localização do espaço e a reafirmação como sujeito integrante desse espaço. Severino se afirmava como sujeito e autor da sua trajetória de vida. Segundo Ariès (1977, p.49) “a familiaridade com a morte era uma forma de aceitação da ordem da natureza, na qual só podia intervir por milagre”, ou seja, a situação de viver uma vida, com aspectos da sua finitude, era tão comum que já fazia parte dessa sociedade que estava fadada ao sofrimento, em especial a busca incessante de Severino por uma vida que estava com ele, mas devido a essa crise existencial, nem ele percebia sua existência na sociedade.

Para confirmar essa posição, na sexta parte do livro *Morte e Vida Severina*, Severino vê que pelo número exacerbado de mortes, o trabalho com ela virou algo vantajoso, mesclando entre algumas profissões “bem-sucedidas” que não sentem os efeitos negativos da seca no sertão, pelo contrário, beneficiam-se dela:

Como aqui a morte é tanta,
Só é possível trabalhar
Nessas profissões que fazem
Da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
De profissão similar,
Farmacêutico, coveiros,
Doutor de anel no anular,
Remando contra a corrente
Da gente que baixa ao mar,
Retirantes às avessas,
Sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
Compensam aqui cultivar,
E cultivá-los é fácil:
Simples questão de plantar;
Não se precisa de limpa,
De adubar nem de regar;

As estiagens e as pragas
Fazemos mais prosperar;
E dão lucro imediato;
Nem é preciso esperar
Pela colheita: recebe-se
Na hora mesma de semear (MELO NETO, 2009, p. 11).

Nesse contexto, tentando se encontrar, Severino passa por diversas cidades que não retratam o desejo inicial dele, pois a morte e o sofrimento o acompanhavam sempre, tanto na sua figura de retirante, como nas conversas ao longo da sua viagem. Segundo Hall (2005), na construção da identidade de forma sociológica há um preenchimento do interior e exterior como a união entre o mundo pessoal e público, no qual se faz a projeção ideal, por meio das relações culturais e identitárias; ao mesmo tempo, internalizam-se os valores externos ao sujeito, uma constante troca de conhecimento de construções que são responsáveis para moldar o sujeito no mundo social e cultural.

Com essa troca de informações, Severino torna-se influenciado pela divergência da sociedade ao longo do percurso, quando percebe que por vários momentos se depara com a morte e ela não está presente apenas no seu local de origem, isto é, por mais que ele tente fugir da sua fragilidade acerca da morte, ela está em todo lugar. Aspecto normal, segundo Hall (2005, p. 13) quando afirma que: “o sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”, ou seja, conforme a necessidade o sujeito muda a perspectiva que acreditava anteriormente. Essas mudanças são vistas ao longo da trajetória de Severino, quando cada contexto divergente ao inicial, ele mostra uma perspectiva da internalização do “eu” e a sua construção identitária vai moldando com o passar da trajetória.

Segundo Bauman (2001), nenhum modelo foi modificado e os sujeitos passaram a usar outras perspectivas a partir do panorama social, se adequando conforme os padrões dentro da sociedade, conforme a necessidade de adestramento. Desta forma, existem ações e mecanismos que influenciam, visto que não somos sujeitos livres de fato, pois dentro dos desejos e das ações ocorre o “policiamento”. Tal afirmação cabe na descrição de Severino, que mesmo querendo mudar de vida, nem toda perspectiva de mudança se engloba nos paradigmas que ele pode se enquadrar. Fato este que o deixou estarecido na parte 10 do poema. Ao chegar a Recife, o retirante ouve o diálogo entre dois coveiros, acerca do exercício daquela profissão e percebe que mesmo em Recife, a morte é algo comum:

- O dia hoje está difícil;
Não sei onde vamos parar.

Deveriam dar um aumento,
 Ao menos aos deste setor de cá.
 [...]
 De trabalhar no de Santo Amaro
 Deve alegrar-se o colega
 Porque parece que a gente
 Que se enterra no de Casa Amarela
 Está decidida a mudar-se
 Toda para debaixo da terra.
 [...]
 Fique-se por aí um momento
 E não tardarão a aparecer
 Os defuntos que ainda hoje
 Vão chegar (ou partir, não sei) (MELO NETO, 2009, p. 16).

A relação é existente em conformidade com o bairro, ou seja, em bairros periféricos, a morte é em grande número, mas em contrapartida, em bairros onde a qualidade de vida é melhor, a morte mal passa por lá. Logo na conversa, ele ouve quando uma dos dois afirma que “— Não é viagem o que fazem vindo por essas caatingas, vargens; aí está o seu erro: vêm é seguindo seu próprio enterro” (MELO NETO, 2009, p. 19), ou seja, o retirante sai da sua terra fugindo das mazelas da vida e nem percebe que ao invés de fugir, ele está seguindo seu enterro e morte sendo cada vez mais presente.

Em relação à simbologia, o próprio nome Severino é representativo dos vários sujeitos pobres, que fugindo da seca, tornam-se retirante nas estradas do nordeste, fato este comum em um período no Brasil. Segundo Ferreira (2013, p.129) “Um psicólogo do mito deverá, pois, esforçar-se por reencontrar coisas atrás dos nomes [...] aquele que acolhe a experiência de todos os sentidos e que projeta todas as nossas fantasias sobre todos os objetos” o nome próprio atribui significado. No caso de Severino, percebe-se, ao longo da obra, frente a sua jornada, que ele significa: força, resistência, aquele que enfrenta todos os problemas e ainda tem fé que a vida vai mudar, vai melhorar. Severino é símbolo de todos aqueles que enfrentam a vida e os obstáculos dela, resignados e conformados com a sina que carregam.

No desenrolar dos acontecimentos, o próprio título do texto “*Morte em vida severina*” aborda uma espécie de conformidade do sertanejo que já não vive, apenas sobrevive aos fatos da vida. Em resumo, é como se ele já não existisse, apenas passasse pela vida e lá seguisse na rota, sem fugir do rio, pois os desatinos e desesperanças já haviam consumido o eu-lírico. Para melhor ilustrar as questões de morte e vida, discute-se no próximo capítulo as questões referentes a outras literaturas que abordam sobre a temática morte, como também, sobre a identidade do sujeito e a simbologia existente na obra.

O próximo capítulo discute sobre os aspectos da simbologia da morte, a partir da comparação dessa temática por alguns autores, até a dualidade do sentido da palavra morte. E por fim, uma análise simbólica de alguns aspectos na obra, que retratam a significação da morte em *Morte e vida Severina*.

2 ASPECTO DUAL E SIMBÓLICO EM *MORTE E VIDA SEVERINA*

2.1 A MORTE SOBRE OUTRAS ÓPTICAS

Desde o início da existência humana, há preocupação com a temática morte, mesmo segundo Guida (2010), a morte é a única certeza humana, a conclusão que é possível da vida, pois tudo que tem vida pode findar. Dessa forma, não se consegue olhar com naturalidade para o fato e talvez pelo fato do próprio mistério de não se saber nem o dia nem a hora em que ocorre a partida. Conforme Pessoa (1933), mesmo que se depare, a morte insiste em chegar cedo:

A morte chega cedo,
Pois breve é toda vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida (PESSOA, 1933, p.18).

Em consonância com Fernando Pessoa, o poeta/músico Gonzaguinha afirma na letra de uma de suas músicas que a vida é: “Sempre desejada/Por mais que esteja errada/ Ninguém quer a morte/Só saúde e sorte”. Sem dúvidas o que todos nós queremos mesmo é viver, e viver em todos os aspectos positivos; tanto o da qualidade de vida, quanto o da longevidade.

Quando pensamos na importância que damos à vida e todo o medo que a morte proporciona aos seres humanos, se reflete sobre algo mais profundo que foge do limite: a morte em vida. Aquela que, mesmo o atestado de óbito não tenha sido emitido, o ser passa pela vida, muitas vezes, sem perspectiva de mudanças passa e amarga sofrimentos nesta estadia. Talvez esta característica da morte seja a pior, a morte em vida, pois limita o sujeito e o leva apenas a passar pela vida. Na trajetória de Severino ao mesmo tempo em que ocorre a fuga da morte, há aproximação constante dela.

Levando em consideração os recorrentes períodos de seca vivenciados na região nordeste e toda a devastação deixada neste período de estiagem, como também, o constante sofrimento do povo gerado por fatores climatológicos, estes são similares ao sofrimento de Severino, ao aproximar-se da dor do outro e do reflexo da morte ao seu redor, como o retratado na obra; como a realidade atual da nossa região. Dessa forma, percebe-se a importância presente nesta temática e da sua contribuição para refletir sobre a dura saga que marca a vida humana e sertaneja, ou melhor, a vida severina.

Quando se discute sobre a vida e a morte, percebe-se o quanto elas encontram-se entrelaçadas ao longo da literatura e em obras de vários autores. Um dos autores que utilizou a morte como tema em seus poemas foi Fernando Pessoa (1942): “A morte chega cedo”, pois mesmo ela chegando a qualquer época, ainda assim, chega cedo. Sendo que a vida é constituída de sonhos e ideias e fazem que a nossa vontade de viver nunca cesse. Por fim, ele trata dos mistérios que rodeia a morte levando em consideração que nunca se saberá o momento que a vida findará.

Manoel Bandeira (1952), poeta pernambucano, e primo de João Cabral de Melo Neto, também já caracterizou a morte em seus poemas. Em “Consoada”, ele trata a morte como “indesejada das gentes” e fala dos seus medos sobre o momento exato que ela chegar e da incerteza quanto à preparação. Por isto, ele solicita que ela venha apenas a noite, onde tudo aparentemente estará “pronto”, como: “casa limpa/mesa posta”, é uma espécie de ritual de preparação para a morte, como se fosse possível. Ariano Suassuna (1977, p. 29), Paraibano, denomina a morte como “a moça Caetana” e traz um constante paralelo de todos os destinos sertanejos em comparação a morte como em: “e os dentes de coral da desumana”, como se a morte causasse tanto medo quanto à presa da cobra coral.

Augusto dos Anjos (1998), poeta paraibano, tratou a morte com uma ótica diferente, por usar um vocabulário com termos científicos em suas obras, além da sua obsessão pela morte. Em seu poema “psicologia de um vencido”, utiliza termos científicos para tratar da morte e descreve todo o momento de sofrimento e dor, por meio da deterioração da matéria humana e finaliza ilustrando o exemplo da queratina, composição do cabelo e que não é decomposto pela terra. Percebe-se que cada autor trata a morte conforme a sua identidade poética, mas sem esquecer que todos demonstram o lado triste e melancólico que ela proporciona.

Machado de Assis discute, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1980), a autobiografia de um homem que já havia morrido. A narrativa dá início na sua dedicatória, com um tom fúnebre quando ele retrata os sentimentos de alguém já morreu e encontra-se enterrado e vem detalhando os aspectos da terra corroendo o seu corpo. A obra narra como ocorreu o fim da sua vida, uma espécie de lembrança, em que o moribundo vai contando todas as desventuras que a findou. Um fato inusitado: falar da vida já em morte. Álvares de Azevedo (1952) com a obra *Se eu morresse amanhã*, ela vem retratar os sentimento da morte nas pessoas.

João Cabral de Melo Neto, no seu poeta-narrativo *Morte e vida Severina* discute a questão da busca pela vida, no percurso de morte. O que gera um descrédito na vida e na

existência. Quando se interligam todas as discussões acerca da morte, com *O Auto de Natal pernambucano*, define-se o que nos inquieta, ou seja, o temor da morte, que se encontra atrelada a vida. O personagem percorre um longo caminho, buscando uma fuga de si mesmo. Por ser submisso aos desígnios da vida:

Penso agora: mas por que
 Parar aqui eu não podia
 E como Capibaribe
 Interromper minha linha?
 Ao menos até que as águas
 De uma próxima invernia
 Me levem direto ao mar
 Ao refazer sua rotina?
 Na verdade, por uma tempos,
 Parar aqui eu bem podia
 E temonar a viagem
 Quando vencesse a fadiga.
 Ou será que aqui cortando
 Agora minha descida
 Já não poderei seguir
 Nunca mais em minha vida? (MELO NETO, 2009, p. 8).

Com essa questão de submissão e o medo em enfrentar os desígnios Severino encontra-se sem rumo dentro da trajetória. Esse fato, não é exclusivo nesta obra de João Cabral de Melo Neto, mas em várias que retratam o sertanejo. Como em: *O Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, *Grande Sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa e *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector. Todas essas obras têm em comum a temática do sertanejo e as questões que estão inerentes a ele, como a sua introspecção. Como afirma Melo Neto (2009, p. 02-03), possui a vida Severina: “E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida/ morremos de morte iguais/ mesma morte Severina:/que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta/ de emboscada antes dos vinte/ de fome um pouco por dia”. Dessa forma, se confirma não apenas a introspecção, como também a resignação em aceitar os sofrimentos de destinos de forma submissa.

Em *Morte e Vida Severina*, quando Severino, temendo o sofrimento, a fome e a ausência de sonhos procura fugir, mas mesmo assim continua preso a estas questões em todo o espaço/ambiente da obra. De acordo com Negrini (2014) morte é um perigo constante e que segue o sujeito no cotidiano humano. Este fato é visto em *Morte e vida Severina*, em que a morte segue toda a trajetória do retirante Severino. Ressalta-se que a morte não está simbolizada apenas na morte física do ser humano, mas em todo o espaço geográfico do caminho até Recife. Neste percurso, Severino vê que pelo número exacerbado de mortes, o

trabalho com ela virou algo vantajoso, mesclando entre algumas profissões “bem-sucedidas”, que não sentem os efeitos negativos da seca no sertão, e de forma contraditória, exploram financeiramente as questões da morte. Ela passa a ser vista como comércio. Uma espécie de banalização da morte, visto que ela está servindo à vida dos pobres e dos miseráveis, para entregarem suas vidas aos ricos:

Mas diga-me retirante,
 Sabe benditos rezar?
 Sabe cantar excelências,
 Defuntos encomendar?
 Sabe tirar ladainhas,
 Sabe mortos enterrar?
 - já valei muitos defuntos,
 Na serra é coisa vulgar;
 Mas nunca aprendi as rezas,
 Sei somente acompanhar.
 -Pois se o compadre soubesse
 Rezar ou mesmo cantar,
 Trabalhávamos a meias,
 Que a freguesia bem dá (MELO NETO, 2009, p. 10).

Percebe-se que devido ao grande número de mortes naquela região, a morte é transformada em fonte de renda. Mas não é apenas nesse trecho que o autor retrata a morte, segundo Melo Neto (2009, p.19): “— Não é viagem o que fazem/ vindo por essas caatingas, vargens;/ aí está o seu erro:/ vêm é seguindo seu próprio enterro”. Sendo assim, mesmo com o fim da vida presente, não há apenas numa banalização, mas sim, naturalização da morte devido ao cenário de extinção que ele se depara no percurso e a constante necessidade de fuga. Sem esquecer que ao longo do caminho a morte passa a ser modo de vida, Severino se depara com várias situações em que as pessoas buscam o sustento por meio da morte. Com isto, ela sempre está de encontro com o personagem, uma constante luta vã, há uma espécie de harmonização entre morte e vida. Levando em consideração essa dualidade, refletir-se sobre ela em *Morte e vida Severina* é fundamental.

Sabendo da relevância da discussão acerca da temática morte dentro do contexto oposição (vida *versus* morte); o próximo tópico trata da consideração acerca desta dualidade a partir de visões de vários autores, como: Guida (2010) que traz uma reflexão entre o tempo e a finitude da vida, entre as questões da vida e da morte; Becker (2007) que discorre sobre o temor da morte e sua naturalidade dentre as relações sociais e Negrini (2014) que aborda a significação da morte nas relações.

2.2 DUALIDADE

A temática morte é rodeada de mistificações tanto pelos segredos que a cerca, como pelo sentimento entristecedor que ela proporciona. Em algumas culturas de acordo com Guida (2010, p.245): “Morre-se de muitas maneiras, e algumas conseguem ser mais cruéis que a morte fática”. Sendo assim, o trecho de Guida (2010) questiona sobre diversas maneiras que se pode morrer e levanta o tema sobre as formas mais cruéis de morrer, que segundo ela, não necessariamente é a morte fática, ou seja, a causada por interrupção de vida. Tal levantamento se refere ao questionamento sobre a morte aquela que mata devagar e que vai consumindo o sujeito a tal ponto que mesmo estando vivo fisiologicamente, encontra-se morto.

A morte não está ligada apenas na partida da figura de um ser humano, mas sim, engloba todos os aspectos da vida. Nota-se que em *Morte e Vida Severina*, delineia essas outras formas de morrer, como no trecho em que Severino chega a Zona da Mata:

Por onde andará a gente
Que tantas canas cultivas?
Feriando: que nesta terra
Tão fácil, tão doce e rica,
Não é preciso trabalhar
Todas as horas do dia,
Os dias todos do mês,
Os meses todos da vida.
Decerto a gente daqui
Jamais envelhece aos trinta
Nem sabe da morte, Severina;
E aquele cemitério ali,
Branco de verde colina,
Decerto pouco funciona
E pouco covas aninha (MELO NETO, 2009, p. 12).

Sendo assim, Severino vem delineando a morte severina, aquela que se encontra rodeada de sofrimentos existenciais, pela péssima qualidade de vida, pela falta de oportunidade para trabalhar e por uma vida necessariamente miserável, a ponto de se morrer aos trinta, pela não condição de prolongar a vida diante de tanto sofrimento.

Quando se analisa o significado semântico da palavra morte, facilita a compreensão acerca da travessia de Severino presente na obra *Morte e Vida Severina*. O dicionário filosófico de Abbagnano (2007, p. 795) define morte como: “1º falecimento, fato que ocorre

na ordem das coisas naturais; 2° em sua relação específica com a existência humana”. Sendo assim, o verbete trata de morte como algo eminente da existência humana. Se existimos, logo estamos passíveis a ela e ainda demonstra a sua relação específica com a existência humana. Com isto, ele define como: “início de um ciclo de vida; b) fim de um ciclo de vida; c) possibilidade existencial”. Em *Morte e vida Severina*, essa marcação entre o fim do ciclo e o início da outro, vem demarcada em dois momentos na obra: o primeiro é quando Severino percebe que já não vivia, apenas passava pela vida, assim ele deseja insistentemente findar a vida:

A solução é apressar
A morte a que decida
E pedir a este rio,
Que vem também lá de cima,
Que me faça aquele enterro
Que o coveiro descrevia:
Caixão macio de lama,
Mortalha macia e líquida,
Coroas de baronesa
Junto com flores de aninga (MELO NETO, 2009, p. 20).

Neste momento, Severino percebe que já não se encontrava em vida, pois ele apenas passava por ela e esperava a morte, que na sua fala, já vem descrita que é algo certo e próximo. O outro momento em que aparece esse findar do ciclo é justamente ao contrário do primeiro, quando ele percebe que a vida pode ser celebrada. Então, mesmo diante do sofrimento, o melhor é ter fé e continuar a luta.

-Belo como a coisa nova
Na prateleira até então vazia.
- Como qualquer coisa nova
Inaugurando o seu dia.
- Ou como o caderno novo
Quando a gente o principia.
- E belo porque o novo
Todo velho contagia.
- Belo porque corrompe
Com sangue novo a anemia (MELO NETO, 2009, p. 27).

Essa marca da vida para a morte e da morte para a vida são construções necessárias para se compreender a discussão do autor. Lembrando que não são marcações da morte fática, mas da compreensão da morte como passagem de vida. Pode-se ver a amplitude no significado da morte, por ela não expressar apenas literalmente a finitude da vida, mas apresentar em outros aspectos como a interrupção de um ciclo, em algum momento da nossa

existência. Ela não está apenas associada ao término de um ciclo vital, mas vai bem mais além. Pode significar, por exemplo, a ruptura de um momento da nossa vida, para o início de outro por isto, segundo Abbagnando (2007, p. 796), a morte é considerada como possibilidade presente na vida humana, sendo capaz de determinar suas características.

Os mistérios da finitude da vida causam temor aos que estão vivos. Este sentimento, muitas vezes, está ligado às experiências adquiridas ao longo da existência que deixam marcas acerca das nossas relações e o modo de encarar este tema. Mas este temor não está restritamente ligado apenas as nossas memórias, ele pode vir também do medo natural que a morte proporciona. Em conformidade com Becker (2007, p.28):

Um grande número de pessoas concordaria com essas observações sobre as experiências vividas no início da vida e admitiria que as experiências podem aumentar as ansiedades naturais e os temores que vêm mais tarde, mas essas pessoas também iriam argumentar, com muita ênfase, que, apesar de tudo, o temor da morte é natural e está presente em todos os indivíduos, que ele é o temor básico que influencia todos os outros, um temor ao qual ninguém está imune, por mais disfarçado que possa estar.

Sendo assim, o medo da morte, mesmo não sendo algo amplamente exposto, existe no interior de cada um, pois não há como desassociar a questão da vida e da morte. Quando parte do ponto de vista pessoal e esteja em conformidade com as concepções de mundo e vivências individuais. Becker (2007) ainda afirma que muitas pessoas pensam que o temor da morte está ausente na construção interna de vida e morte, por ele não estar explicitado de uma forma tão clara. Na nona cena, nota-se esse medo sobre a morte:

-Nunca esperei muita coisa,
 Digo a Vossas Senhorias.
 O que me fez retirar
 Não foi a grande cobiça;
 O que apenas busquei
 Foi defender minha vida
 De tal velhice que chega
 Antes de se inteirar trinta,
 Se na serra vivi vinte,
 Se alcancei lá tal medida,
 O que pensei, retirando,
 Foi estendê-la um pouco ainda (MELO NETO, 2009, p. 15).

Por este fato, o temor raramente mostra a sua verdadeira face, ou seja, a constância do medo de morrer levou Severino a seguir e buscar uma qualidade de vida melhor, para procurar prolongar a sua vida. Guida (2010) complementa sobre as discussões que cercam o

medo da morte, afirmando que “o homem se preocupa tanto com sua própria vida-morte, tenta “vigiá-las” e, com isso, mergulha num individualismo nunca visto antes”. A partir das ideias da autora, o medo da morte é algo inevitável e inerente ao ser humano e que pode gerar o individualismo, diante da preocupação humana com o seu bem-estar.

Para Negrini (2014), a relação do ser humano com a morte é algo que está constituído do seu próprio ser. Sendo assim, cada um possui uma maneira de enxergar e de entender a morte perante a seu contexto social e experiências pessoais. Na décima primeira cena, Severino intensifica esse entristecimento e demonstra sinais que pela péssima qualidade de vida em que ele se encontra, era melhor que sua vida foi ceifada:

Mas que se este não mudasse
 Seu uso de toda vida,
 Esperei, devo dizer,
 Que ao menos aumentaria
 Na quartinha, a água pouca,
 Dentro da cuia, a farinha,
 O algodãozinho da camisa,
 Ao meu aluguel com a vida
 E chegando, aprendo que,
 Nessa viagem que eu fazia,
 Sem saber desde o Sertão,
 Meu próprio enterro eu seguia.
 Só que devo ter chegado
 Adiantado de uns dias;
 O enterro espera na porta:
 O morto ainda está com vida (MELO NETO, 2009, p. 20).

A vida de Severino já não existia apenas em uma sequência de dias, onde ele esperava dia após dia, a finitude de sua existência. Segundo Fukumitsu (2018, p.11), “sem a perspectiva de uma vida criativa, que implique a transformação contínua do dia a dia, ocorre a morte em vida- que se caracteriza pela alma entristecida adoecida e pela morte vista como agonia”. A partir de sua concepção, a morte pode ser entendida com uma amplitude que não está ligada necessariamente a interrupção da vida, mas como qualquer coisa que interfere na vitalidade do sujeito. Um exemplo é o fato de quando nos entristecemos por algum motivo e quando este sentimento se torna permanente no sujeito, pode-se considerar um tipo de morte.

O percurso de Severino é rodeado por fatos que o levam para desejar o fim da sua vida e em todos eles a temática morte persiste em estar presente. Na décima segunda cena, ele se depara com o anúncio da vida:

- Compadre José, compadre,

Que na relva estais deitado:
 Conversais e não sabeis
 Que vosso filho é chegado?
 Estais aí conversando
 Em vossa prosa entretida:
 Não sabeis que vosso filho
 Saltou para dentro da vida?
 Saltou para dentro da vida
 Ao dar o primeiro grito;
 E estais aí conversando;
 Pois sabeis que ele é nascido (MELO NETO, 2009, p.23).

Mesmo que o sofrimento tenha sido companheiro ao longo da obra, a vida é representada por meio do nascimento do menino. Pode-se dizer que houve um (re)nascimento de Severino quando ele percebe que mesmo com todo sofrimento, a vida surge e o leva a refletir e a mudar posturas diante dos desatinos. Para Fukumitsu (2008, p.11) “a vida humana pode acontecer pontuada por experiências de diferentes tipos de morte, que não só anunciam o final de nossa existência como também afetam o modo como interpretamos o fenômeno do morrer”. Neste trecho, verifica-se a finitude de um ciclo da vida a interrupção total dela e até mesmo o renascer do desejo de viver. Em alguns momentos, esta diferenciação é definida pela forma que se encara questões da vida.

No próximo tópico, há uma discussão sobre os símbolos que estão presentes na obra *Morte e vida Severina*, que revelam a morte em seu percurso. Para essa reflexão Mircea Eliade (1992) vem dar respaldo a partir das discussões sobre a simbologia e Chevalier; Gheerbrant (2009) com o significado da palavra, por meio do dicionário simbólico.

2.3 SIMBOLOGIA PRESENTE EM *MORTE E VIDA SEVERINA*

A obra *Morte e Vida Severina* (1945) tem uma amplitude nas discussões sociais quando trata da vulnerabilidade da vida sofrida do sertanejo em busca por uma mudança de perspectiva, bem como das reflexões sobre a hierarquização social existente, sendo refletida nas posições exercidas dentro da sociedade, em cada paradigma apresentando. A posição do coronel como sendo alguém de referência dentro do enredo, como afirma Melo Neto (2009) que havia muitos com o nome de Zacarias, motivado por um coronel que morou naquela comunidade. Na continuidade a posição de submissão exercida pelos pobres e, por fim, a divisão hierárquica existente nos cemitérios, onde a divisão social não acaba em vida, mas transcende a morte.

A primeira inquietação que surge na obra é acerca da ordem no nome do título, porque *Morte e vida Severina* e não vida e morte? Fato inverso ao da trajetória da vida, pois na ordem cronologia do ciclo vital, primeiro temos vida para depois morte. O fato da alteração da ordem no nome da obra é justificado no enredo do *Auto de Natal pernambucano*. A princípio, Severino encontra-se em morte, não a morte fática, mas sim, morte como ciclo de vida. Severino passa por dois ciclos bem definidos na sua trajetória: o primeiro em se encontrar com a morte dentro da trajetória e o segundo em sentir o desejo de viver novamente, após o nascimento do menino, no final da trajetória. Esses momentos são analisados pela ótica de Chevalier; Gheerbrant (2009, p. 621): “A morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, uma aliança, a paz, uma época. Não se fala na morte de uma tempestade, mas na morte de um dia belo”. Tudo que for a marca do fim de algo positivo é considerado morte para o autor.

Quando se fala em morte como símbolo dentro da obra *Morte e vida Severina*, aponta-se a um fato na trajetória de Severino. O retirante segue o seu percurso, na margem do rio Capiberibe e a inconstância do rio são notórias ao longo da jornada de Severino. Em alguns momentos, ele segue seu fluxo natural e em outros, ele vai se findando:

Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
Que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
Como os rios lá de cima,
É tão pobre que nem sempre
Pode cumprir sua sina
E no verão também corta,
Com pernas que não caminham.
Tenho que saber agora
Qual a verdadeira via
Entre essas que escancaradas
Frente a mim se multiplicam.
Mas não vejo almas aqui.
Nem almas mortas nem vivas;
Ouço somente à distância
O que parece cantoria.
Será novena de santo,
Será algum mês-de-Maria;
quem sabe até se uma festa
ou uma dança não seria? (MELO NETO, 2009, p. 6-7)

Assim, percebe-se que Severino constrói sua ideia acerca da interrupção do rio, tecendo analogias com outros rios que cumprem sua sina, ou seja, se findam em um determinado momento do seu percurso. A descrição de Severino sobre a interrupção do rio, é que o rio está secando, assim como a vida que vai aos poucos encerrando. Como num percurso de um rio, em que há início a partir da nascente e segue por caminhos escolhidos, a vida também faz esse percurso, uma espécie de analogia ao símbolo. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 621):

Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência. Ela indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas: está ligada ao simbolismo da terra. Mas é também a introdução aos mundos desconhecidos do Infernos ou dos Paraísos; o que revela a sua ambivalência, como a da terra, e a aproximação, de certa forma, dos ritos de passagem.

A analogia constituída pela morte e pela vida são para Chevalier e Gheerbrant (2009), simbologias que devem ser analisadas com cuidado, pois a relação de destruição da existência, tanto vista no percurso do rio como na vida dos retirantes, fazem parte das ações inerentes à vida.

Dentro dessa perspectiva, em cada momento da narrativa, Severino tenta se reafirmar como sujeito dentro da sociedade. Ele tenta fugir da morte e se encontra cada dia mais com ela. Como exemplo do rio, ao seguir a sua trajetória, pensando em encontrar a vida, Severino se depara com a morte. Quando vai a Recife, pensa estar livre da sua sina (morte), mas percebe que não existe diferença entre todo o percurso do retirante: a morte sempre está presente.

É necessário analisar o que se encontra além do aparente, ou seja, as simbologias presentes ao longo do contexto apresentado. Para Jung (1964, p. 16): “o que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional”. Nesse sentido, os símbolos podem estar em todos os lugares e não é necessário fugir dos espaços cotidianos, pois a sua importância se dá não pelo fato de ser algo novo, mas sim, pela construção que damos a ele, dentro do contexto explicitado. Jung (1964, p. 16), afirma que:

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance, da nossa razão.

Conforme o citado acima, a amplitude do símbolo abrange até as palavras e mesmo Jung (1964) afirmando que a simbologia se dá no aspecto do inconsciente, há várias intencionalidades simbólicas, quando se trata da poesia e em especial a de João Cabral de Melo Neto, em que o enigmático contexto existencial descortina várias facetas do autor dentro da tessitura da obra.

A princípio, na primeira cena, Severino vai se apresentando e dentro desse diálogo, há traços dos símbolos religiosos. Como nas expressões retiradas da primeira cena da narrativa, destaca-se: “não tem outra de pia”, “santo de romaria” e “Maria”; três expressões que refletem a fé atribuída pelo sertanejo. A primeira, ele faz menção ao batismo, visto que a pia é o local onde se batiza na igreja católica, sendo habitual para os cristãos; a segunda, uma romaria, que representa a fé cristã, sendo um hábito cultural atribuído aos religiosos em nome da fé e a terceira expressão, que trata de um nome culturalmente comum e que foi atribuído como uma espécie de homenagem escolhida para ser a mãe de Jesus.

A simbologia da religiosidade é algo tão presente na obra e na vida do sertanejo que na terceira cena, Melo Neto descreve o percurso de Severino e utiliza metáforas para descrever esse caminho abordando aspectos da religiosidade como ladainha, rosário e contas. Tudo isso fazendo um paralelo com as cidades que iria percorrer ao longo da jornada:

- Antes de sair de casa
 Aprendi a ladainha
 Das vilas que vou passar
 Na minha longa descida.
 Sei que há muitas vilas grandes,
 Cidades que elas são ditas;
 Sei que há vilas pequenas,
 Todas formadas de rosário
 Cujas contas fosse a linha. (MELO NETO, 2009, p.06).

Essa religiosidade faz parte de algo inerente à vida e às relações humanas, pois se trata de uma instituição que somos desde cedo encaminhados pelos familiares. Por esse fato, ela se encontra constituído nos discursos proferidos ao longo da constituição espacial e identitária do sujeito, ou seja, na construção de mundo do indivíduo, em que segundo Eliade (1956, p. 17):

É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo”. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que prece de toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é

ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda a orientação futura.

De acordo com Eliade (1956), as experiências religiosas podem refletir a relação com o mundo, nas palavras, mesmo livre de intencionalidade e nas ações como sujeito em sociedade. Mas antes mesmo que ela se efetive, traz vivências e experiências que perpassam as questões religiosas, pois também são culturais. A cultura e o modo que se reflete no mundo determinam muitas ações em sociedade. No caso de *Morte e Vida Severina*, há uma submissão de Severino, algo que está inerente a relação dele com o mundo:

- Nunca esperei muita coisa,
Digo a Vossas Senhorias.
O que me fez retirar
Não foi a grande cobiça;
O que apenas busquei
Foi defender minha vida
De tal velhice que chega
Antes de se inteira trinta (MELO NETO, 2009, p. 15).

Os símbolos acerca da religiosidade vêm de forma clara nessa obra e mostra a fé do sertanejo: a fé em acreditar em dias melhores e a perspectiva de mudanças aparecem de forma clara e em forma de benefícios para o sujeito.

Outro símbolo presente no *Auto de Natal pernambucano* é o solo. Ele se apresenta de maneira diferente conforme o caminhar de Severino:

- Bem me diziam que a terra
Se faz mais branda e macia
Quando mais do litoral
À viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
Nesta terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
Para os pés e para a vista.
Os rios que comem aqui
têm água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
Cavando o chão água mina (MELO NETO, 2009, p. 11-12).

A terra modifica na pisada de Severino e essa mudança significa sinal de melhora de vida segundo ele, mas mesmo a terra modificando e a paisagem também, as mudanças não ocorreram de imediato. Foi necessário ele se encontrar como sujeito e perceber que a mudança não está em espaço, nem em cidade alguma, visto que os sofrimentos do sertão são

similares aos sofrimentos de Recife e que mesmo no litoral, tendo aspectos climáticos diferentes do sertão, as desigualdades sociais são as mesmas.

Ao longo da trajetória, Severino se deparou tanto com a morte que acabou desistindo de viver e apenas a partir de um fato ocorrido, após a décima quinta cena, que ele se encontra com a vida: o nascimento do menino e a alegria da comunidade ao seu redor.

- Da sua formosura
 Já venho dizer:
 É um menino magro,
 De muito peso não é.
 Mas tem o peso de homem,
 De obra de ventre de mulher.
 - De sua formosura
 Deixai-me que diga:
 É uma criança pálida,
 É uma criança franzina,
 Mas tem a marca de homem,
 Marca de humana oficina (MELO NETO, 2009, p. 26).

Como toda similaridade de sofrimento que Severino possuía, ainda havia motivos para festejar. Não havia como ele continuar com esse sentimento entristecedor, pois a vida surgia e com ela uma nova esperança para se viver. Segundo Jung (1964, p. 290) “jovem deve sofrer uma morte simbólica antes de renascer como homem e ingressar na tribo como seu membro efetivo. Assim, a atitude científica e racional do engenheiro precisa desaparecer para dar lugar a uma nova atitude.” Sendo assim, Severino sofreu uma morte simbólica, quando ela teve a sua crise de interna como sujeito e desejou morrer e na sequência do seu renascimento, dando espaço a um novo homem, deixando o velho desejo adormecer.

Mesmo com todos os desencontros e todos os sofrimentos retratados na obra, um fio de esperança se acende com o nascimento. A criança nasceu e Severino renasceu, dentro da obra, encontrando assim a vida que superou a morte. Se renasce por acreditar que diante de tanto sofrimento e de duas sinas bem parecidas (Severino e menino) podem ter destinos diferentes. Este fato se confirma, quando a criança ao receber a visita de duas ciganas, elas confirmam que a sina do menino será diferente dos outros daquele manguê:

-Atenção peço, senhores,
 Para esta breve leitura:
 Somos ciganos do Egito, lemos a sorte futura.
 Vou dizer todas as coisas
 Que desde já posso ver
 Na vida desse menino
 Acabado de nascer:

Aprenderá a engatinhar
 Por aí, com aratus,
 Aprenderá a caminhar
 Na lama, como goiamuns,
 E a correr o ensinarão
 Os anfíbios caranguejos,
 Pelo que será anfíbio
 Como a gente daqui mesmo.
 [...]

Vejo-o, uns anos mais tarde,
 Na ilha do Maruim,
 Vestido negro de lama,
 Voltar de pescar siris;
 E vejo-o, ainda maior,
 Pelo imenso lamarão
 Fazendo dos dedos iscas
 Para pescar camarão.
 [...]

Outras coisas que estou vendo
 É necessário que eu diga:
 Não ficará a pescar
 De jereré toda a vida.
 Minha amiga se esqueceu
 De dizer todas as linhas;
 Não pensem que a vida dele
 Há de ser sempre daninha.
 Enxergo daqui a planura
 Que é a vida do homem de ofício,
 Bem mais sadia que os mangues,
 Vejo-o dentro de uma fábrica:
 Se está negro não é lama,
 É graxa de sua máquina,
 Coisa mais limpa que a lama
 Do pescador de maré
 Que vemos aqui vestido
 De lama da cara ao pé (MELO NETO, 2009, p. 25-26).

Para esse garoto, mesmo nascendo em uma família pobre, a mudança da trajetória de vida é possível e reafirma que nem todos os que são oriundos da periferia e de famílias que não possuem condições financeiras ou não possam mudar este percurso, não tenha que seguir a mesma sina, mesmo quando a cigana afirma que o garoto não ficaria sujo de lama, ela enfatiza a lama suja, como se não houvesse dignidade naquele espaço. Mas, a sujeira era de graxa, fato que para eles marca a ascensão do sujeito, pois possivelmente será operário. De acordo com Chevallier e Gheerbrant (2009) para o sentido esotérico, a morte é a simbologia da mudança profunda. Então, o nascimento do menino e a visão da cigana acerca do destino do menino, fez renascer o sentido da vida em Severino, visto que a morte pode ser

considerada no pensamento de Severino, do suicídio para o nascimento: o redimensionar da vida.

Os símbolos dentro da temática morte possibilitam a compreensão acerca de vários acontecimentos no *Auto de Natal pernambucano*, temática esta que inicia com a identificação do sujeito no início da obra e vai até o desfecho, quando Severino percebe que a vida pode ter outras dimensões. O sofrimento, simbolizado pela morte, pode redimensionar e condicionar um momento de ascensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre a Morte em Vida é algo que nos proporciona muitas inquietações, pois mexe com os sentimentos diversos do ser humano, quando se analisa em quais momentos da vida ela pode passar pela existência, sem desejá-la ou até mesmo, quando ao viver causa uma tremenda dor.

O texto teve início com foco na personagem Severino e os aspectos que o caracterizavam, tanto partindo do seu contexto histórico, pois ele é determinante nas escolhas e nas relações, quanto social. Ao situar o leitor quanto aos espaços existentes na obra, percebe-se que em *Morte e Vida Severina* há um emaranhado de sentimentos tão normais que nem causam estranhamento ao leitor, visto que são reflexos do sujeito e do espaço. Sentimentos esses que são definidos dentro da narrativa. Em primeiro plano, Severino deseja no seu interior, mudar de vida, ou seja, deixar aquela sina que o cerca e marca a existência das pessoas pobres do sertão. Severino quer deixar de ser apenas mais um daquela freguesia, fadado a morte por velhice antes do trinta. Ele busca desbravar horizontes, tendo a fé como companheira nessa aventura por melhores condições de vida.

No entanto, Severino se depara com diversas pessoas que como ele, a vida se mistura com a morte. A existência, como a busca por uma qualidade de vida, é trocada pelo sofrimento avassalador que transformam paisagens, pessoas e identidades. Severino se depara com realidades que deveria entristecer, mas é usada como forma de sobrevivência em algumas comunidades, como o fato de o trabalho com a morte ter virado algo lucrativo e fonte de renda em determinados cidades.

Para levar o leitor a refletir sobre a temática morte, foi realizado um breve levantamento no qual se citam alguns autores que também já retrataram a morte em suas obras, como: Ariano Suassuna (1977), Augusto dos Anjos (1998), Álvares de Azevedo (1952), Fernando Pessoa (1933) e Manoel Bandeira (1952). Cada um aborda a morte na sua perspectiva, com suas peculiaridades. Trazendo a visão que possuem sobre essa temática, uma espécie de aproximação da obra de Melo Neto, com o cenário literário brasileiro.

Após esse tópico, tornou-se necessário discutir a dualidade da morte e vida que se faz presente em todo momento no poema de João Cabral de Melo Neto (2009). Chama-se atenção para o tópico em que Severino percebe o seu destino final: Recife, cidade que se apresentava diferente da sua terra natal. A pobreza e a miséria assolavam até aquele povo, mas eles pensavam que estavam sendo salvos, estavam fugindo da morte, mas na verdade eles

estavam seguindo o próprio enterro até ser oficializado em Recife, isso devido à grande desigualdade social que gera fome e miséria: as pessoas não resistiam e partiam desta vida.

A resistência de Severino foi abalada ao longo da narrativa e o eu-lírico resolve se entregar à sina da sua vida à morte, pois por mais que ele tentasse fugir, ela o perseguia. Era inevitável tentar resistir/insistir. Mas um fato mexeu com a Severino e o fez repensar a sua existência e quem sabe, o fez renascer na esperança.

O nascimento de um menino pobre, mestiço fez com que Severino percebesse que mesmo o maior sofrimento em que estava emaranhado, a vida sempre traz alegrias. Ele nota que as pessoas mesmo não tendo posses, iam à procura do menino, para oferecer, diante da sua realidade, um presente de boas vindas ao mundo. É nessa hora que Severino percebe a importância da vida e a alegria que ela proporciona, pois, mesmo o menino não estando com a plenitude da existência, ele é recebido com um sentimento de gratidão pela vida. Neste momento, há relação entre Morte em Vida, no qual mesmo reconstruindo a sua plenitude existencial e percorrendo um longo caminho emergido pelo sentimento de morte, morte no sentido de perda; de não se encontrar como sujeito, como foi discutido por vários autores ao longo deste trabalho. Ele se encontra na vida, vida de outra pessoa, outra existência no mundo. Acredita-se que Severino faz uma autorreflexão e percebe que com pouco também se consegue ser feliz.

A partir do título da obra, a morte tece a vida e ao longo do *Auto de Natal pernambucano*, os símbolos estão presentes como nas conversas no rio, simbolizando a vida que seca. Após a partida de Severino da sua terra e ao longo da sua trajetória, Severino se reconstrói a partir das tentativas de fugir da morte, mas percebe que ela é algo inerente à existência humana e que não adianta fugir, pois ela está em todos os lugares. Não adianta internalizar esse sentimento entristecedor, pois no final, sempre há motivos para desejar-se a vida, mesmo a vida Severina, marcada pela mesma sina de sofrer ao longo da existência ou apenas passar por ela sem se reconhecer como sujeito construtor da sua história.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola, **Dicionário de filosofia**; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revista da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANJOS, Augusto. **Psicologia de um vencido**. 1998. Disponível em: <https://portugues.uol.com.br/literatura/augusto-dos-anjos.html> Acesso em: 09 de jul. 2018.
- AZEVEDO, Álvares. **Se eu morresse amanhã**. 1852. Disponível em: https://www.ebiografia.com/alvares_azevedo/ Acesso em: 27 de dez. 2018.
- BANDEIRA, Manoel. **Consoada**. 1952. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/04/11/consoada-manuel-bandeira/> Acesso em: 09 de jul. 2018.
- BARRETO, Pedro Henrique. **História - Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos. Ano 6. Edição 48 - 10/03/2009**. Brasília: Desafios do desenvolvimento, 2009. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=1214:reportagens-materias acesso em: 12 de nov. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECKER, Ernest. **A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana**. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36ª ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionários de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 23ª. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COUTINHO, Alfranio. **A literatura no Brasil**. 7ª edição. Volume 5- São Paulo: Global editora, 2004.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, A. E. A. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: eduel, 2013.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Vida, morte e luto atualidades brasileiras**. Summus editorial. São Paulo, 2018.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Sexta edição, ed. Atlas S. A., São Paulo, 2008.

GUIDA, Angela. **Tempo e finitude: a tensão entre vida e morte**. Terceira margem, Rio de Janeiro, 2010.

GONZAGA, Luiz. **O que é? O que é?** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/463845/> Acesso em: 08 de jul. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 5º ed. Estados Unidos :Nova fronteira, 1964.

LUCAS, F. **O poeta e a mídia**: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Senac, 2003.

MELO, João Cabral. **Morte e vida Severina**; Editora Alfabeta Brasil, 2009.

NEGRINI, Michele. **A significação da morte: um olhar sobre a finitude humana**. Santa Maria, sociais e Humanas. 2014.

PESSOA, Fernando. **A morte chega cedo**. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/a-morte-chega-cedo-fernando-pessoa> Acesso em: 08 de jul. 2018.

SUASSUNA, A. **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora. 1975.

SUASSUNA, Ariano. **A moça Caetana e morte sertaneja**. 1977. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/ariano-suassuna-a-moca-caetana-a-morte-sertaneja> Acesso em: 09 de jul. 2018.